



O que há de novo nas parcerias?

Elisa Alvarenga

Agradeço a Helenice de Castro pelo convite para coordenar esta Jornada junto com Lucíola Macêdo, e a ambas por essa nova parceria a três, com música e poesia. E também a todos os colegas que estão trabalhando com entusiasmo nesta organização. A pandemia e o momento político que vivemos, apesar de impedirem o encontro de nossos corpos, tornaram mais agudo nosso tema, explorado por Helenice e Lucíola na vertente das mutações do laço social. Hoje, ao perceber que nossos laços se transladam para o virtual a mais longo prazo, nos interrogamos sobre suas consequências. Estaríamos forçados a atender à distância, seja virtualmente, por telefone ou de máscaras, ao mesmo tempo que temos que conviver com os negacionistas, alinhados ou não com o vírus que governa o país?

Privilegiarei a vertente do novo nas parcerias pois, se o discurso do capitalismo, como anunciou Lacan¹, deixa de lado as coisas do amor, ele se alia ao discurso da ciência, hoje reacreditado pelo necessário enfrentamento a essa pandemia que promete nos impor um outro modo de viver. Nos interessa então saber como a psicanálise, através do amor, permite tecer laços e construir parcerias no mundo em que vivemos, apesar mesmo do atual distanciamento social. O laço, precisa Lacan, é um laço entre aqueles que falam, seres vivos que somos, embora marcados pela dimensão da morte, e o discurso é um modo de funcionamento, uma utilização da linguagem como laço².

Em sua Conferência realizada no Brasil em 2004, “Uma fantasia”, Jacques-Alain Miller aponta que a psicanálise tem algo a ver com a dissolução da moral civilizada tematizada por Freud, de tal maneira que a ascensão ao zênite social do objeto a³ aproxima o discurso analítico do discurso da civilização e torna complexa sua eficácia interpretativa sobre o discurso do inconsciente, que tem a estrutura do discurso do mestre.

Se a prática freudiana foi inventada para responder a um mal estar na civilização, liberando o gozo, “a prática lacaniana conduz seu jogo na dimensão de uma ditadura do mais-de-gozar e de um real que rateia, de tal modo que a relação dos dois sexos

¹ Lacan, J. *Estou falando com as paredes*, RJ, Zahar, 2011, p. 88.

² Lacan, J. *Mais, ainda*, RJ, Zahar, 1985, p. 43.

³ Lacan, J. *Radiofonia, Outros Escritos*. RJ, Zahar, 2003, p. 411.

entre si tornar-se-á cada vez mais impossível. Então, o um-sozinho será o standard pós-humano, comandado por um mais-de-gozar em seu aspecto mais ansiogênico”⁴.

Diante desse quadro, a pergunta que nossa Jornada formula é: o que há de novo nas parcerias, considerando as mutações do laço social que deram lugar à psicanálise e foram catalisadas pelo discurso analítico? Como a psicanálise favorece e trata o novo nas parcerias?

As parcerias e suas mutações

Lacan, em 1975, em uma conferência nos EEUU, afirma que foi estudar medicina porque suspeitava que as relações entre homem e mulher tinham um papel determinante nos sintomas dos seres humanos. “Isso me empurrou progressivamente em direção àqueles que não foram bem sucedidos, pois pode-se dizer que a psicose é uma espécie de falência no que concerne a realização do que é chamado ‘amor’”⁵.

Se hoje não sabemos muito bem o que é um homem e uma mulher, e nem estabelecer fronteiras nítidas entre a neurose e a psicose, podemos dizer, com Miller, que o masculino e o feminino não são definidos biologicamente, mas por sua relação inconsciente com o gozo⁶. Qual é o laço possível entre esses dois modos de gozo, dentro da multiplicidade das condutas sexuais? Se, como diz Lacan, não há discurso que não seja do gozo⁷ e o discurso enquanto tal funciona como laço⁸, que laço é possível entre os seres falantes sexuados?

Freud, em “As pulsões e seus destinos”, considera o amor e o ódio como destinos da pulsão, que reproduzem a polaridade prazer-desprazer. “O amor advém da capacidade do eu de satisfazer de modo autoerótico uma parte de suas moções pulsionais”⁹. Originalmente narcísico, passa para os objetos incorporados, expressando os esforços em direção a esses objetos fontes de prazer e posteriormente à atividade das pulsões sexuais. Incorporar ou devorar podem suspender a existência em separado do objeto, o que se expressa na fórmula lacaniana: “eu te amo, mas como amo em ti algo mais do que tu – o objeto a - eu te mutilo”¹⁰.

O ódio, como relação com um objeto, é mais antigo que o amor: ele brota do repúdio primordial do eu narcísico perante o mundo externo. Como exteriorização da relação de desprazer provocada pelos objetos, ele permanece em relação com as pulsões de conservação, que junto às pulsões sexuais reproduziriam a oposição entre o ódio e o amor na primeira teoria das pulsões.

Se levarmos em conta o além do princípio do prazer e suas consequências sobre a satisfação pulsional, teremos, em “Inibição, sintoma e angústia”¹¹ a apresentação do sintoma como um avatar da pulsão que lhe oferece, em curto-circuito, uma outra

⁴ Miller, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana* 42, SP, Eolia, fevereiro de 2005, p. 13.

⁵ Lacan, J. Conferência na Yale University em 24.11.1975. *Scilicet* 6/7, Paris, Seuil, 1976, p. 16.

⁶ Miller, J.-A. *Extimidad*. Bs. As., Paidós, 2010, p. 55.

⁷ Lacan, J. *O avesso da psicanálise*. RJ, Zahar, 1992, p. 74.

⁸ Lacan, J. *Mais, ainda*. RJ, Zahar, 1985, p. 47.

⁹ Freud, S. As pulsões e seus destinos. *As pulsões e seus destinos*, BH, Autêntica, 2013, p. 61.

¹⁰ Lacan, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ, Zahar, 1985, p. 254.

¹¹ Freud, S. Inibição, sintoma e angústia. FREUD [1926-1929]. SP, Companhia das Letras, 2018, p. 13-123.

satisfação. O gozo do sintoma é essa satisfação paradoxal, substituto que vem no lugar do objeto que seria o bom. No lugar do eu, Lacan instala a articulação da linguagem que implica a necessidade do sintoma, fazendo do objeto a o seu núcleo¹².

Lacan considera que na análise que Freud faz do amor, de estrutura fundamentalmente narcísica, a questão é como esse objeto de amor pode vir a preencher um papel análogo ao objeto de desejo: sobre que equívocos repousa a possibilidade de o objeto se tornar objeto de desejo¹³, que o sujeito vai buscar no Outro da fantasia. Se a análise permite obter a fratura da fórmula da fantasia e sua travessia tem como efeito a deflação do desejo, que recaia sobre diferentes objetos que se multiplicavam, a experiência contemporânea da análise se prolonga e coloca o analisante diante daquilo que, do seu gozo, não faz sentido, o Um do gozo que reitera no real do *sinthoma*¹⁴. Aqui o equívoco presentifica o furo do inconsciente real.

Parcerias *sinthomáticas* na época do *falasser*

Por mais que a relação entre o significante e o gozo tenha sido pensada por Lacan, desde o início do seu ensino, através de parcerias imaginárias, simbólicas – fantasmáticas – e sintomáticas, o que anima e torna necessário o discurso é a ausência de relação entre os seres sexuados. O discurso vem tamponar essa hiância através do significante, tecendo o laço social, que responde à não relação sexual. É o sentido da frase de Lacan, no Seminário 20, que introduz nossa Jornada: “Há apenas isso, o laço social”¹⁵. Mas, desde o Seminário 17, Lacan introduz o Outro que tem um corpo e não existe¹⁶: o que existe está a nível do corpo, é o sintoma, o parceiro sintoma¹⁷. Trata-se de uma nova definição do Outro como meio de gozo, que se produz sempre no corpo do Um mas por meio do corpo do Outro, ou seja, o gozo é sempre autoerótico, mas inclui o Outro¹⁸.

No Seminário 20, distribuindo os modos de gozo do lado masculino, fálico e feminino, não-todo, Lacan dá uma forma lógica aos modos fetichista e erotômico do amor. Já no Seminário 23, ele diz que a mulher é um sintoma para todo homem e este é para ela uma devastação, uma aflição pior que um sintoma¹⁹, já que a demanda feminina de amor ao Outro que não existe retorna como devastação. No entanto, no seu últimíssimo ensino, Lacan vislumbrou, através do gozo feminino, ilimitado, indizível, o regime do gozo como tal, reduzido ao acontecimento de corpo²⁰. O gozo mudo da sexualidade feminina foi estendido também ao homem, o que podemos testemunhar na devastação amorosa de vários homens na contemporaneidade²¹.

Se na fantasia o parceiro pode encarnar-se no objeto a ou no Outro do amor, ao final Lacan destaca o que chamou de *sinthoma*, a partir dos restos sintomáticos de Freud.

¹² Cf. Miller, J.-A. Sintoma e pulsão. *El partenaire-sintoma*. Bs. As., Paidós, 2008, p. 73-92.

¹³ Lacan, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, op. cit., p. 174-176.

¹⁴ Miller, J.-A. *L'être et l'Un*, 30.03.2011, inédito.

¹⁵ Lacan, J. *Mais, ainda*, op. cit., p. 74.

¹⁶ Lacan, J. *O avesso da psicanálise*, op. cit., p. 62.

¹⁷ Miller, J.-A. *Le partenaire-sintoma*. Bs.As., Paidós, 2008, p. 235.

¹⁸ *Ibiden*, p. 411.

¹⁹ Lacan, J. *O *sinthoma**, RJ, Zahar, 2007, p. 98.

²⁰ Miller, J.-A. *O ser e o Um*, 02.03.2011, inédito.

²¹ Cf. a esse respeito o conto de Haruki Murakami, An independent organ, *Men without women*, New York, Vintage International Edition, 2018, p. 77-113.

Mas o *sinthoma* está lá, para cada ser falante, desde o início, e tem a ver com a maneira como o significante traumatizou seu corpo. Algo desse *sinthoma* permanecerá como um modo de funcionamento do falasser, que ao mesmo tempo, reta infinita e rodinha de barbante, perfura o corpo e amarra os demais registros. O significante novo, promovido por Lacan em seu último ensino, é um novo uso do significante, com valor de *sinthoma*²².

Então, um *sinthoma* não desaparece nem é atravessado, mas se torna (in)familiar. Trata-se de conhecer seu *sinthoma*, saber se virar com ele²³. Em 1978, Lacan diz que temos como *sinthoma*, cada um, sua cada uma. “Há um *sinthoma* ele e um *sinthoma* ela. É tudo o que resta do que se chama a relação sexual: uma relação intersinthomática. É por isso que o significante opera por meio do *sinthoma*. Como então comunicar o vírus desse *sinthoma* sob a forma do significante?”²⁴

Lacan avançou aqui no sentido de situar, tanto o homem como a mulher, ou seja, o ser falante, como *sinthoma*, com o qual ele pode fazer parceria. De maneira contingente pode haver “o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, como falante, da relação sexual”²⁵. Da contingência de um encontro à necessidade de lhe dar um sentido, aí estaria o ponto de suspensão a que se agarra todo amor.

Lacan explica que entre os seres sexuados, embora o sexo só se inscreva pela não relação, existem encontros, o feliz acaso – *bon heur*. A transferência é amor, sentimento que assume aí uma forma nova que introduz a subversão, não porque seja menos ilusória, mas porque dá a si um parceiro que tem a chance de responder. É amor que se dirige ao saber, porém o que permite a entrada na matriz do discurso não é o sentido, mas o signo, que inclui o gozo: existe um saber que não deixa de trabalhar em prol do gozo. A contingência é o lugar por onde se demonstra a impossibilidade, atestando um real transmissível pela escapada a que corresponde todo discurso²⁶. Como aponta Eric Laurent, Lacan não recuou, na sua vontade de se desfazer de um sujeito definido por suas identificações, a identificar o discurso a uma epidemia, afirmando o laço direto do corpo e do Outro da civilização²⁷.

Se o analista é o parceiro que tem chance de responder, conduzindo o analisante até o final da experiência analítica, o que acontece com o amor no final de uma análise? Uma análise se funda sobre o amor, mas pode mudar essa relação ao amor, como fazem pensar as referências de Lacan a um amor mais digno²⁸ ou, com Arthur Rimbaud, a um novo amor²⁹, no final de uma análise. Uma psicanálise demanda amar seu inconsciente transferencial para, em seguida, consentir com o furo do inconsciente real, para além dos efeitos de verdade. Eric Laurent aponta que um obstáculo

²² Lacan, J. Rumo a um significante novo. *Opção Lacaniana* 22, SP, Eolia, 1998, p. 13.

²³ Lacan, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, 16.11.1976.

²⁴ Lacan, J. Conclusions du IXe Congrès de l'École freudienne de Paris, 09.07.1978. *Lettres de l'EFP*, n. 25, vol. I, abril de 1979, p. 219-220.

²⁵ Lacan, J. *Mais, ainda, op. cit.*, p. 198-199.

²⁶ Lacan, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos, *Outros Escritos*. RJ, Zahar, 2003, p. 553-556.

²⁷ Laurent, E. Les biopolitiques de la pandémie et le corps, matière de l'angoisse, *Lacan Quotidien* 892, 11.06.2020.

²⁸ Lacan, J. Nota italiana, *Outros Escritos, op. cit.*, p. 315.

²⁹ Lacan, J. *Mais, ainda, op. cit.*, p. 26.

epistemológico por muito tempo tornou difícil compreender o que seria esse novo amor com o parceiro sintoma, ao toma-lo como um novo tipo de amor com os parceiros. O que Jacques-Alain Miller designou como parceiro-sintoma consiste em destacar o parceiro-sintoma do parceiro da escolha amorosa: há, no parceiro da escolha amorosa ou sexual, um para além do que faz a pessoa, e que se desvela ao final de uma análise³⁰. O novo amor é um amor para além da falação e dos ideais, e tem a ver com os restos sintomáticos de cada um.

Eixo 1 : Amores loucos

O primeiro eixo da Jornada trata de pensar como as mutações do laço social decorrentes do declínio do Nome do pai e da significação fálica afetam os laços amorosos entre os seres falantes. Não havendo uma clara divisão de águas entre a neurose e a psicose, as condições de amor estabelecidas por Freud nas neuroses estariam modificadas? A hipótese de Lacan sobre a falência da realização do amor nas psicoses se sustenta hoje, considerando a extensão do campo das psicoses ao programa de investigação das psicoses ordinárias?

Se Lacan pôde dizer que o amor era possível na psicose, mas que ele seria um amor morto, esse caráter mortífero ou mortificado estaria ligado ao fato que o sujeito só ama a si mesmo, ou um ideal que substitui o parceiro? Ou o sujeito psicótico amaria um Outro tão Outro que não pode ser encarnado em um ser vivo?³¹

Se tomamos os paradigmas freudiano e lacaniano das psicoses, Schreber e Aimée, é possível encontrar formas tão puras da erotomania herdada de Clérambeault nos casos de psicose que frequentam a psicanálise hoje? Como diferenciar a erotomania como forma de amar feminina da erotomania clássica e do tipo de amor erotomaniaco que podemos encontrar na neurose obsessiva, destacado por Lacan no Seminário 10³²?

Como se desenvolve a transferência nas psicoses e qual o seu tratamento, se aquele que sabe, na análise, é o analisante, seguido pelo Outro rompido, como propõe Lacan no Seminário 24³³?

Eixo 2 : Amores fluidos

Um outro efeito das mutações do laço social evocadas no primeiro eixo é o borramento das diferenças sexuais e a multiplicação das identidades e escolhas sexuais. Os sujeitos podem não saber ou não se fixar a uma preferência sexual. Assim, temos aqueles que, depois de anos de vida ao lado de um parceiro, descobrem sua preferência por um parceiro de outro sexo.

As mudanças de identidade sexual e a escolha do próprio sexo, independente do sexo biológico, se tornaram correntes e sustentadas juridicamente. Nessa conjuntura, os

³⁰ Laurent, E. Présentation de la soirée "L'inconscient au-delà du sens. Un nouvel amour". *Quarto 124*, Bruxelles, Mars 2020, p. 14.

³¹ Miller, J.-A. *L'amour dans les psychoses*, Paris, Seuil, 2004, p. 8.

³² Lacan, J. *A angústia*. RJ, Zahar, 2005, p. 350.

³³ Laurent, E. Disrupção de gozo nas loucuras sob transferência, *Opção Lacaniana 79*. SP, Eolia, julho de 2018, p. 56 e Lacan, J. Seminário 24, lição de 17.05.1977, *Ornicar? 17/18*.

laços entre os parceiros, reconhecidos ou não pela lei, seriam mais fluidos? Que lugar tem o desejo e o amor nessas parcerias sustentadas por um modo de gozo?

Os amores fluidos podem também ser pensados à luz das mutações do laço social provocadas pelas novas tecnologias da comunicação e pelos aplicativos de encontro, que substituem ou multiplicam os sites de relacionamento. Seriam as práticas de sexo virtual correlativas de um distanciamento do parceiro do amor? O que a pandemia do novo coronavírus e o confinamento que ela impôs produzem nas relações amorosas?

O que Zygmunt Bauman descreveu como o amor líquido estaria ligado a um livre curso dado às exigências pulsionais ou à proliferação das fantasias? Se a pulsão, como propõe Freud, tem seus pontos de fixação e seu caráter de exigência permanente, o que o amor de transferência pode mudar aí?

Eixo 3 : Um novo amor?

Neste terceiro eixo nos interrogamos sobre as mutações do laço transferencial produzidas pelas mutações do laço social e sobre as mudanças proporcionadas pelo laço que constitui uma experiência de análise sobre os laços do falasser. Pois se podemos falar do Um que fala sozinho para seu próprio gozo mais do que para se comunicar, a psicanálise continua sendo praticada a dois e, na orientação que é a nossa, deverá continuar a ser praticada em presença dos dois corpos, do analisante e do analista. Podemos nos interrogar sobre os efeitos e possibilidades da nossa prática virtual, de forma mais pontual, onde há efeitos contingentes e até surpreendentes, mas nos interessa saber o que há de novo no laço transferencial.

Miller, inspirado pelo adjetivo promovido por Bauman, fala da volatilização dos limites e fronteiras inerentes à época da globalização. No interior da prática analítica, podemos pensar a fluidez, a partir do último ensino de Lacan e da clínica dos nós, como fluidez de lalíngua, estado líquido da palavra, para além ou aquém das estruturas. Na época do declínio do sujeito suposto saber, o inconsciente pode ser pensado do lado do analisante como um saber fazer com lalíngua, que produz acontecimentos de corpo que são acontecimentos de gozo. Como conceber aí a transferência³⁴, a presença do analista e a interpretação, entre verdade e acontecimento³⁵? Como a “psicanálise líquida”³⁶ pode conduzir o falasser à contingência de um novo amor?

O poema de Rimbaud “Por uma razão” nos aponta ressonâncias, caminhos, encontros e mudanças. Esperamos as contribuições dos membros da comissão científica e dos cartéis a partir das questões colocadas por cada um desses eixos. Está dada a partida!

Em 13.08.2020.

³⁴ Cf. Souto, S. Como conceber a transferência na clínica do Um que fala sozinho? *Curinga 47*, BH, EBP-MG, 2019, p. 106-116.

³⁵ Laurent, E. L'interprétation: de la vérité à l'événement.

<https://www.nlscongress2019.com/speechesfr/-linterprtation-de-la-vrit-lvnement-argument-du-congrs-2020-de-la-nls-gand-par-ric-laurent>, acesso em 30.07.2020.

³⁶ Miller, J.-A. El psicoanálisis líquido, *Todo el mundo es loco*. Bs.As., Paidós, 2015, p. 207-217.